

- Ezequiel Fernando Júnior (não declarou sua idade): *"Acho bonito porque elas trabalha pra sobreviver."*
- Marcos Paulo Cavalcante, 27 anos de idade: *"É do mesmo jeito que o dos homens."*
- Gerônimo Couto de Lira Ramos, 23 anos de idade: *"Eu acho que as mulheres precisam tanto quanto nós homens."*
- Antônio Túlio da Rocha, 40 anos de idade: *"Concordo, porque muitas mulheres não tem marido. Elas, quando casadas, estão ajudando o marido."*
- Matheus Firmino, 23 anos de idade: *"É o jeito . . . deve se virar assim mesmo. Sou contra mais as crianças."*
- José da Costa Ferreira, 37 anos de idade: *"Eu sou contra. Teria que ter trabalho para elas."*
- Manoel Joaquim de Brito, 27 anos de idade: *"Não concordo porque não é serviço para mulheres fazerem pois é muito arriscado para todas. Mas, não critico, porque todos nós precisamos."*
- Ernani Freitas do Amparo, 30 anos de idade: *"Bom."*
- Francisco Zenaide Cavalcante, 49 anos de idade: *"As mulheres não eram pra está aqui. Elas pegam doença mais fáceis."*
- Roberto Carlos de Sousa, 26 anos de idade: *"Tão importante como do homem."*
- Roberval Fernandes Palmares, 20 anos de idade: *"Eu acho legal."*
- Ambrósio Fernandes Palmares, 19 anos de idade: *"Não concordo com o trabalho delas. Elas deveriam está tomando conta das crianças em casa."*

- Ivandro de Lucena Feitosa Pires, 22 anos de idade: *"Acho bom, porque as mulheres animam mais. Elas também fazem muita confusão."*
- Jean Patrício Rolim de Souza, 25 anos de idade: *"Concordo porque também elas precisam."*
- Amadeu de Lucena Feitosa Rocha, 25 anos de idade: *"Péssimo. As mulheres deveriam não trabalhar no Lixão, mas por causa do desemprego..."*
- Ronaldo Soares Albuquerque Brasileiro (Não declarou sua idade): *"Quase igual ao dos homens. Tem mulheres que chegam a ganhar mais do que os homens. As mulheres não deviam trabalhar aqui dentro porque este trabalho só assenta prá homens."*
- Glauber Soares Albuquerque Brasileiro, 50 anos de idade: *"Essencial."*
- Carlos Cezar Ribeiro Guimarães, 14 anos de idade: *"Não concordo. O lugar delas não é aqui."*

3.8 - O Trabalho Infanto-Juvenil

Apesar da fragilidade, vulnerabilidade orgânica e psicológica das crianças e dos adolescentes, seres ainda em formação, portanto mais sensíveis aos elementos agressivos presentes no ambiente de trabalho insalubre e perigoso do Lixão, ali continuam sendo explorados, desenvolvendo a catação de lixo, principalmente durante o período noturno.

Muitos deles são crianças, geralmente filhos de catadores cujos pais preferem conduzir ao Lixão a deixá-los sozinhos em casa. Outros, que nasceram e cresceram dentro desta localidade ou à sombra da montanha de detritos, da Favela do "S", também permanecem envolvidos por este processo de vitimação.

Todas as crianças na faixa etária dos 5 aos 14 anos de idade e adolescentes entre 15 e 17 anos de idade são submetidos à disciplina do trabalho exigida dos adultos, ficando expostas à insalubridade, periculosidade inerente à catação de lixo. Ao evidenciarem qualquer manifestação de "corpo mole", são prontamente chamados à atenção, tanto pelos próprios membros de sua família, como pelos atravessadores.

Desprotegidas e quase sempre tristes e assustadas, não utilizam máscaras, sapatos, botas, luvas, capas de plástico que possam minimizar os riscos de acidentes e doenças. Ao observar-se a rotina de seu trabalho, constata-se que a proteção contra os perigos e sujeira dentro do Lixão é simbólica: uns trapos sujos, um boné, um velho tênis. A maioria trabalha de mãos completamente nuas e poucos usam botas.

Empunhando apenas o gadanho e o saco de nylon, inúmeros trabalham até oito horas por dia, ampliando esta jornada de trabalho, durante o período noturno.

Para não serem identificados no ambiente de trabalho, pelos membros do Comissariado da Infância e da Juventude, durante o período diurno, inúmeros ficam envoltos em trapos poluídos, mantendo o rosto e a cabeça "encapuzados", objetivando disfarçar estrategicamente a pouca idade.

A entrada de qualquer pessoa "estranha" nesta localidade é o bastante para promover o "corre-corre" das crianças para as áreas de manguezais, nestas permanecendo escondidas, até o "perigo" ser dissipado ou suprimido, pois temem ser presas, conjuntamente com seus pais.

Durante o período noturno, quando há o "relaxamento" do processo de fiscalização empreendido pelo Comissariado da Infância e Adolescência, sob a coordenação do senhor Haroldo Fernandes, o Lixão é literalmente invadido principalmente por menores de quatorze anos, oriundos de Bayeux e Santa Rita.

De acordo com o depoimento a nós prestado pela entrevistada Cândida Euzébia Pereira, catadora há mais de cinco anos, desta localidade e moradora da Favela do "S" ao lado do depósito do Lixão:

De dia eles não chegam perto do Lixão porque estão na escola ou sempre têm patrulha por perto mas de noite é cheio de criança por aqui, como você pode ver. Eles esperam a patrulha de Policia Militar dar o fora para aparecer. Fica pretinho de menino por aqui. É mais de 200.

Já Rogéria Gomes Pinto, que está catando lixo só faz oito meses e que trabalha tanto durante os turnos da manhã e tarde como as vezes à noite, disse:

Eu vejo sempre crianças trabalhando por aqui. Eles fazem de tudo e às vezes atrapalham nosso serviço. Aqui durante a maioria dos dias da semana tem uma meninada grande. É mais menino que adulto. É menino demais.

Cumpre-nos ressaltar que este quadro se mantêm, muito embora a portaria 008/99, editada pelo Juiz Fabiano de Moura e Moura, esteja em vigor proibindo o trabalho infanto-juvenil nas dependências internas e externas do Lixão.

Vê-se que esta proibição formal do trabalho infanto-juvenil, em vez de funcionar como sistemática solução do problema, o agravou.

A pesquisa ainda tem nos revelado que as crianças e adolescentes desenvolvem exaustiva jornada diária de trabalho, são objetos de tarefas repetitivas, trabalham acima de tudo durante o período noturno, fazem o carregamento de peso excessivo, manipulam livremente latas, recipientes os mais heterogêneos com restos ou sobras de colas, solventes tóxicos, inseticidas, venenos, agrotóxicos, materiais inflamáveis, alimentos degradados (comendo alguns destes) sem nenhuma advertência ou orientação sobre o real perigo para sua saúde. Fazem ainda o

contato com metais velhos e enferrujados e até com produtos do lixo hospitalar que nem sempre é bem acondicionado e soterrado dentro do depósito do Lixão. Este cotidiano de trabalho experienciado por estes segmentos sociais contraria o que está fixado na Convenção 188 da Organização Internacional do Trabalho, datada de 1973; Convenção sobre os Direitos da Criança adotada pela Assembléia Geral das Nações Unidas em 1989; Declaração Universal dos Direitos da Criança; Constituição da República Federativa do Brasil de 1988 (e a emenda Constitucional n.º 20/98), além dos Estatutos da Criança e do Adolescente Lei 8069/90.

O trabalho empreendido pelas crianças e adolescentes no local referido está profundamente associado à baixa renda de suas famílias. Contudo pudemos também identificar vários adolescentes ali, fazendo um excessivo número de horas trabalhadas, objetivando a conquista do seu sustento e da própria família como é o caso por exemplo de Severina Carla Fernandes de Lourdes, 17 anos de idade:

Eu e sete irmãos trabalhamos dentro do Lixão. Ninguém tem emprego, fora daqui na minha casa só mora eu, moro só e ganho por mês uns cem reais. É muito pouco, porque, inclusive, tenho um filho de cinco anos . . . trabalho 15 horas todos os dias senão eu não ganho. Compro comida pra mim e meu filho. Não dá pra muita coisa não.

São adolescentes como esta, que mais trabalham, ganham pouco e não têm em nenhum momento a proteção da Legislação Trabalhista, além do agravante de encontrarem imensas dificuldades de associar o trabalho à frequência escolar.

De acordo com relatório da UNICEF (1998:120): "*Há estudiosos como FAUSTO e CERVINI (1991), LIMA e BURGER (1988), PIRES (1988) e BARROS (1994), que dizem que a causa para a existência do trabalho infanto-juvenil no Brasil é a pobreza.*"

Neste sentido a eliminação ou diminuição da inserção precoce de crianças e adolescentes no trabalho depende necessariamente da redução da pobreza, inclusive na Paraíba, capaz de garantir a "satisfação de necessidades básicas".

Com o objetivo de melhor enfatizar este universo inseparável do mundo das crianças e adolescentes, que é o Lixão, reproduzimos alguns dos inúmeros depoimentos que nos foram prestados por várias delas:

A.O.G.M., 9 anos, sexo masculino: *"Sou de João Pessoa mesmo e faço primeira série primária no prédio da Associação do Moradores Maria Borges aqui no Baixo Roger. Agora, sobre o Lixão eu digo assim: apesar de muita fumaça, catinga podre, dele ser muito feio . . . não concordo com os porcos e urubus aqui dentro . . . é uma ajudinha prá nos. Veja! Meu pai é da EMLUR e minha mãe trabalha também no lixo. Eles dizem que não dá prá ganhá cem reais por mês. Aqui dentro eu passo fome . . . e quando tem alimento no lixo eu como. Eu como mesmo e, muito, não tenho medo de ficar doente não. O que é ser catador ser catador é ser tudo . . . é ser trabalhador, é plantar . . . Sou isto, acho isto. Aqui já levei muitas furadas de pregos, vidro, baques grandes e cortadas do sangue espirrar mesmo. Sei que este local, dentro do Lixão nós não era pra tá. Não é local pra criança como eu que trabalha até quatro, cinco, seis hora por dia, quando não tem fiscal da Prefeitura por perto. Trabalho e dou o dinheiro todo prá minha mãe. Só não é melhor porque, os materiais vendo barato. Os compradores roubam muito tem ladrão demais aqui. Esse lugar é muito horrível, só tem coisa feia, pode olhar . . . Veja bem! Esta minha orelha e meu nariz faz tempo que tá descascando todo. É uma coceira sem fim é uma coceira sem dó mesmo. Arde o tempo todo. Acho que foi alguma coisa do Lixão que pegou, pegou e não larga."*

A.S.L.V., 14 anos, sexo masculino: "Sou de Santa Rita. Tem muita gente de lá por aqui. Eu tô fazendo a terceira série primária mas não assino o nome ainda. O colégio fica lá mesmo. Resolvi ser catador por não gostar de ficar sem dinheiro. Pai e mãe não trabalha e eu ficar só pegando frete é muito ruim. Esse tipo de serviço tá acabando lá em Santa Rita. Trabalho aqui, todos os dias de manhã, menos na sexta, sábado e domingo porque o pessoal do Juizado de Menor tá sempre por perto. Aqui dentro eu tenho medo é de me cortar, pegar doença como acontece com muitos colegas. Eu acho que os comprador paga um preço justo pelo material que nós cata. Com o dinheiro ganhado compro comida e levo prá casa. Acho bom o lixo que vem prá cá nas 2ª e 3ª feiras (vem melhor, alimentos, frutas dos mercados e feiras). Os piores dias pra trabalhar é 4ª, 6ª e o sábado, pois os "guarús" não traz bom lixo . . . é muito basculho, sobras de construção, pois isso que você tá vendo, tanta gente parada agora. Tamos aqui arriscando, naquela torcida pra entrar um "guarú" que traga um lixo melhor. Mas acho que vou desistir . . . por hoje tá bom, vou voltar prá casa. É assim mesmo, tem dia que não dá. É dia fraco prá tudim."

R. T. P.X., 10 anos, sexo masculino: "Sou de João Pessoa e faço a 2ª série primária, mas só sei lê escrever pouco. Vim pro Lixão porque mãe pediu pra ajudar ela . já me cortei. A fumaça e catinga é muito ruim. Não concordo com os urubus aqui dentro. Eu trabalho muito e ganho só dez reais por mês e tenho de ser preso pelo juizado de menor. Aqui dentro do Lixão não existe união. Queria que tudin fosse unido. Acontece brigas. Já vi umas vinte brigas de facas, de tiros, de tapa. Acho que as brigas é por causa das bebidas. Os urubus, a carniça e os compradores que só querem engolobar prejudica."

Vê-se, pois, que o trabalho desta infância não tem absolutamente nada de brincadeira. Os frutos do seu trabalho garimpados pelos agressivos gadanhos em mãos firmes ou trêmulas, despidas de luvas, calejadas, negras de chorume e outros agentes poluentes, são expropriados também pelos atravessadores. Todo o trabalho efetivado é trabalho insalubre e perigoso.

No âmbito do Lixão as crianças e os adolescentes são amplamente expostos ou vulneráveis aos acidentes de trabalho e doenças. Vários fatores nos parece concorrer para tanto: baixo nível de escolaridade da maioria; imaturidade e inexperiência; distração e curiosidade natural; os constantes despejos de lixo, destituído de critérios técnicos adequados; ausência de tratamento adequado do lixo, após o seu despejo, inclusive o hospitalar; o desconhecimento ou desinformação dos perigos e riscos de se trabalhar neste ambiente repleto de contaminantes atmosféricos (gases, vapores, poeiras, fumaças, entre outros); consumos diário de alimento muitas vezes putrefados ou com prazo de validade já superado.

A conjugação destes fatores deve comprometer o desenvolvimento físico, intelectual, emocional, social, destas crianças e adolescentes, dilacerando as oportunidades e possibilidades inerentes a uma das fases mais importantes e decisivas da vida do ser humano.

As crianças e também os adolescentes se revelam responsáveis, dedicadas, produtivas no ato da catação de lixo, mesmo quando precisam ficar zigzagueando por entre os caminhões, tratores, e "guarus" para fugirem dos atropelamentos. Demonstram habilidades no manuseio de gadanhos, facas, facões e facheiros durante o período noturno e esperteza para criarem seus disfarces no sentido de driblar a fiscalização dos integrantes do Comissariado da Infância e da Adolescência, durante os períodos da manhã e tarde. Trabalham bastante e ganham pouco. São filhos da violência que envolve e mantém vivo o Lixão.

Conforme foi possível investigar no desenvolvimento de nossa pesquisa, existem várias causas responsáveis pelo trabalho destas crianças e adolescentes neste ambiente:

- Parcela destes trabalhadores mirins são filhos de mães catadoras viúvas, divorciadas, separadas, formalmente ou não.
- Predominância acentuada de baixíssimo nível de renda familiar, das quais participam.
- Precário nível de escolaridade de quase todos os catadores.
- Exclusão de várias famílias do razoável benefício da bolsa-escola (várias famílias que possuem na unidade familiar três ou até maior quantidade de filhos, é contemplada apenas com uma bolsa-escola).
- Exaustivas jornadas de trabalho realizadas, cotidianamente (estimulada muitas vezes pelos próprios pais).
- Ausência de creches públicas gratuitas e de qualidade acessíveis à totalidade dos filhos dos catadores.
- Inexistência de equipamentos comunitários de lazer tanto na favela do "S" como no Condomínio Esperança.
- Expressiva ligação afetiva com o local onde nasceram e cresceram convertido gradativamente em local de trabalho.
- Perda de emprego dos seus pais no mercado formal de trabalho.
- Desrespeito à legislação referente ao trabalho infanto-juvenil.

De acordo com BRASIL, GECTIPA (2000:16) as principais conseqüências do trabalho precoce para a criança, a família e a sociedade são:

Fracasso ou evasão escolar, baixa escolaridade; falta de perspectivas futuras; redução de postos de trabalho para adultos; força de trabalho desqualificada e comprometida no futuro; aumento da marginalização e criminalidade pela falta de oportunidades futuras; e desagregação do núcleo familiar.

Todo este elenco de conseqüências é visível no mundo das crianças e adolescentes do Lixão, com implicações no contexto de suas famílias e comunidade pessoense que por sua vez continua pouco sensível na prática, com honrosas exceções, para restaurar a dignidade destes trabalhadores precoces e suas respectivas famílias, talvez pela falta de consciência da estreita vinculação do lixo com saúde pública e qualidade de vida, não apenas em João Pessoa como em diversas outras regiões do planeta Terra.

Seria muito oportuno que os técnicos da EMLUR, os representantes das organizações não governamentais que atuam no Lixão, e técnicos das instituições sociais, vinculadas ao poder executivo municipal, pudessem acompanhar as tentativas de equacionamento do trabalho infanto juvenil em Recife e Olinda, muito bem sintetizada por BLOCH, ATANASIO e MAZZOLI (1999:53) quando apontam alternativas para a erradicação do trabalho infanto-juvenil:

Convencer os pais da utilidade da educação e distribuir bolsas-escola não é suficiente. Muitos pais não se deixam convencer tão facilmente e as bolsas – escolas não podem durar eternamente. Também para erradicar definitivamente o trabalho infantil, garantir a freqüência regular na escola e melhorar o quadro de vida das crianças devem-se considerar as condições sócio-econômicas da família como um todo. O problema é que a grande maioria dos trapeiros são miseráveis, semi-analfabetos e têm, na catação de lixo, sua única atividade regular (fazem, também, biscates). Reinsere na sociedade essas pessoas extremamente

marginalizadas passa, então, pela alfabetização e pelo incentivo à sua organização, enquanto recicladores socialmente reconhecidos.

O duplo desafio aqui expresso nesta concepção de trabalho vem sendo assumido por entidades não governamentais que atuam diretamente ou de maneira indireta com os catadores, como a Associação Paraibana dos Amigos da Natureza, a Caritas Aquidiocesana da Paraíba, a Representação da Central Única dos Trabalhadores da Paraíba, a Associação dos Trabalhadores de Material Reciclável e a representação da Congregação Missionários Maryknoll.

Situações como as aqui reveladas como não antagônicas em relação à maioria dos "Lixões" existentes no Brasil produziram a emergência e viabilização da Campanha "Criança no Lixo, Nunca Mais", de iniciativa do FÓRUM NACIONAL LIXO E CIDADANIA estabelecido em 1998, sendo que hoje é composto por mais de 30 instituições, que em consonância com a UNICEF terminou culminando com a realização coletiva do Programa "Lixo e Cidadania", cujo objetivo básico consiste em:

Erradicar o trabalho de crianças e adolescentes na catação do lixo e contribuir para uma solução urgente do problema da coleta e do destino do lixo nas cidades brasileiras, através da articulação de uma rede de projetos e programas já existentes, cuja meta final tinha afinidade com os objetivos do programa em tela no que se refere à inclusão social com cidadania das crianças, adolescentes e de suas famílias que vivem e sobrevivem como catadores de lixo. (UNICEF, 1999)

3.9 - Trabalho e Educação

Trabalho é uma relação social e esta relação, na sociedade capitalista, é uma relação de força, de poder e de violência. E de outro lado, o trabalho é a relação social fundamental que define o modo humano de existência, e enquanto tal não se reduz a atividade da produção material para responder à reprodução físico-biológica (mundo da necessidade), mas envolve as dimensões sociais, estéticas, culturais, artísticas, de lazer, etc. (mundo da liberdade).

FRIGOTTO (1997:72)

No Lixão de João Pessoa, o cotidiano do trabalho constitui um campo de disputa, território de conflitos, em que as forças representativas do capital se articulam para o desempenho da dominação sobre os catadores de lixo, criando possibilidades, paradoxalmente, nesta sua prática, para a percepção pelos explorados de suas capacidades, perspectivas e limitações.

Ratificando esta concepção, reproduzimos os depoimentos a seguir:

- Aluízio Ricardo R...vo, 20 anos, desde os sete anos que juntamente com os pais e mais seus irmãos, praticamente moram dentro do Lixão: *Não sei ler, nem escrever, minha leitura e escrita é catar papel, alumínio, vidros, plásticos, cobre, fios, metal, papelão e alimentos. Quero sair disso, e não encontro jeito. Veja: o Prefeito diz que não há crianças catando lixo por aqui mas só naquele monte tem mais de quinze apontando o local onde um grupo de menores de catorze anos realizam suas atividades. E sentencia: Sérgio, esse com quem você falou, é quem decide o preço do quilo do lixo, aqui.*

- Cláudia Henrique Chaves, 60 anos, trabalha há trinta anos no Lixão. Ganha aproximadamente noventa reais por mês. Contrariando a opinião da maior parte dos catadores, diz: *Gosto do que faço. Criei meus três filhos com o que tirei daqui, meu jovem moço. Quando vim catar osso para vender, tinha na época apenas uns montinhos de lixo aqui e acolá. No começo, levei muita carreira dos guardas, mas, como sou enxerida, terminei ficando. Os pobres não fazem mal a ninguém, são a limpeza do mundo. Deus mandou eles para acabar com a sujeira da terra. O lixo que todo mundo aqui cata, faz mais de dois anos que o preço é o mesmo.*

E finaliza afirmando: *Aqui é assim: catamos o lixo e vendemos a Edgar Salles, o "Rabujo", como é chamado, que tem um depósito no meio do Lixão, como você está vendo. Como ele tem dinheiro e transporte, compra o lixo que não podemos carregar até a saída e vende a Sérgio, que por sua vez, vende o mesmo às fábricas de Recife. Este esquema prejudica tudim daqui.*

Afirma Kelson Galdino, Presidente da ASTRAMARE: *O Lixão é uma pequena mina de ouro. O material que catamos levanta o sustento das famílias. É difícil, mas é a única forma . . . trabalhar enfrentando o sol, a lama, a chuva, os animais e o desrespeito dos atravessadores. Os atravessadores levam a melhor em tudo . . . compram a preço de lata e revendem os produtos a preço de ouro. Isto é, compram a preço de 10% e revendem a 40%, o que catamos. A caneta dos catadores é o gadanho, o furador. Nunca teve escola no Lixão. Aqui caiu um livro*

de 1832 e ninguém soube ler. Gostaria de dizer ainda, meu amigo, que aqui dentro do Lixão não existe nem deuses nem diabos. Só existe nós, gente feito nós, querendo viver e fazer o bem, e nossa luta por mais difícil que seja, deve continuar. Precisamos ser fortes como os atravessadores são. Contamos certos com você.

Estes depoimentos nos revelam que a atividade de catação do lixo não é fonte favorecedora de desenvolvimento das potencialidades destes atores sociais. Contudo, a exploração dos quais são vítimas, enquanto trabalhadores não se viabiliza despercebida pelos mesmos. Concretamente percebem, sentem e esboçam recusas frente a elas, partilhadas inclusive, pela realimentada necessidade de busca por melhores condições de trabalho e vida, a partir de interesses comuns. Assim, gradativamente vão forjando em meio ao lixo, a consciência de si mesmos, do local onde estão inseridos, das relações dinâmicas que estabelecem.

Como bem diz MINAYO (1995:54):

A consciência gera-se na práxis, a partir da realidade cotidiana, das pequenas e continuadas lutas diárias, mas fundamentalmente, no confronto entre sujeitos com interesses opostos.

Descendo ao concreto, é ilustrativo o aprendizado que esta fração de trabalhadores das classes subalternas realiza em situações extremas de adversidade, expressas na divisão de tarefas e atividades: construção de equipamentos rudimentares/funcionais de trabalho; delimitações de espaços para acondicionamento, reciclagem básica e segurança dos materiais

coletados; articulações informais para a consecução de suas reuniões e manifestações de pressão junto ao poder executivo municipal; convivência com uma pluralidade de animais que circulam livremente no seu ambiente de trabalho; riscos permanentes de acidentes e doenças; a venda subordinada do produto do seu trabalho para os atravessadores; a observação dos empreendimentos descontínuos e assistencialistas geradores de falsas expectativas e manipulações diversas, realizados por várias instituições; e principalmente o processo de aprendizagem experienciado no próprio universo do trabalho que já permite a estes construírem e impulsionarem suas legítimas reivindicações.

As principais reivindicações em 1998 e 1999 eram:

- construção de uma central de catação dentro do Lixão;
- construção do muro em volta das dependências do Lixão;
- retirada completa dos animais;
- iluminação interna e das vias de acesso do Lixão;
- extensão da bolsa escola a à totalidade dos seus filhos;
- funcionamento da creche situada no Condomínio Esperança, durante os turnos da manhã e tarde;
- construção da sede própria da ASTRAMARE;
- proibição da entrada da guarda municipal dentro do Lixão;
- maior participação dos catadores do Lixão no Programa de Coleta Seletiva do Lixo Porta a Porta nos bairros de Tambauzinho, Expedicionários, Manaíra, Cabo Branco, Tambaú e Miramar.

Veremos no Capítulo 4 a consecução quase total delas.

Assim, no Lixão, embora ocorra forte dominação e exploração dos catadores, estes como trabalhadores não estão totalmente passivos diante das condições adversas que são edificadas para contrariar os seus interesses. O ambiente de trabalho pareceu revelar ao pesquisador componentes importantes dentro de um espaço de combate, de socialização de informações, troca de experiências, articulações. Nesta direção vão ousando enfrentar o cotidiano vigente de violação e desrespeito à dignidade humana, protagonizando o poder de decisão, criando o direito de se fazer ouvir dentro e fora das dependências do Lixão (por atravessadores, compradores, representações do poder legislativo, judiciário, executivo local, segmentos da imprensa escrita, falada e televisiva, entre outros).

Tem razão, pois, FRIGOTTO (1997:72) ao escrever:

Independentemente ou não da escola, tal qual a conhecemos, antes de sua existência, os seres humanos acumularam conhecimento. a realidade na sua dimensão social, cultural, estética, valorativa, etc., historicamente situada, é o espaço onde os sujeitos humanos produzem seu conhecimento. trata-se de uma realidade "singular e particular".

Esta concepção educativa/cultural confirma o que em diversas ocasiões ouvimos e registramos dos catadores no transcurso de nossa pesquisa:

O Lixão é uma grande escola. Uma escola do mundo. . . Aqui quem quer aprender o que presta aprende. Quem quer aprender o que não presta também pode aprender.

Quando cheguei aqui só sabia mesmo era tudo do roçado. Tinha um medo danado de tudo. Com o passar do tempo fui vendo que o Lixão não é bicho de sete cabeça não. A gente vai trabalhando, pegando gosto no serviço, dividindo a luta com mais pessoas, virando estes montes de lixo e descobrindo como é mesmo a vida . .

Os materiais que vendemos são baratos. Se a gente vendesse direto aos donos das fábricas era melhor. Ou se eu tivesse participado da Coleta Seletiva que alguns daqui já estão fazendo na rua era muito bom. Mais gente deve participar deste negócio. O trabalho aqui é ruim prá nós, e pior ainda mais para as crianças.

A educação dos trabalhadores do Lixão é, expressivamente produto da inserção destes no trabalho de catação de lixo, somada às práticas educativas formais e não-formais experienciadas por inúmeros catadores. Esta realidade se inscreve também no panorama muito bem sintetizado por MACDONALD (1998-1999: 43) ao evidenciar:

Não obstante suas freqüentes encenações retóricas, a elite brasileira nunca desejou para o homem do campo (ou da cidade) um padrão de vida condizente com as exigências do que há de melhor na modernidade (educação pública) ou sequer de exigências de origem pré-moderna (saúde pública, alimentação e habitação condizentes com o que a condição humana exigiria e os avanços da tecnologia permitiriam) além daquilo que a lógica da acumulação de capital exige, quando o exige.

Isto posto, a história do capitalismo dependente no Brasil é a história continuada de cinco séculos não apenas de produção de subdesenvolvimento e desigualdades sociais, mas de perversa exclusão econômica e social da maioria da população.

Enquanto evolui a liberdade de circulação dos capitais, investimentos e do livre comércio anunciadores de nossa inserção na economia "globalizada", cresce paralelamente a "liberdade" para milhões vivenciarem a fome nas favelas, mocambos, palafitas, bairros operários e lixões das grandes cidades brasileiras. As perspectivas da conquista do poder popular vão sobremaneira sendo, pelas classes dominantes, engenhosamente dificultadas.

O que se verifica, como bem o diz Ivandro da Costa Sales citado por SCOCUGLIA E MELO NETO (1999:112) é que:

O modo de produção e circulação de mercadorias afeta imediatamente as pessoas: no seu direito ao trabalho, no desemprego, na busca de emprego, na perspectiva de não mais vender sua força de trabalho; no direito de ter poder na definição de tudo o que lhes diz respeito; no direito de ter seus conhecimentos e experiências tomadas em consideração e aprofundados; no direito aos cuidados, prazer, beleza.

NOTAS

- 1: Ver por exemplo a obra: *A globalização da miséria na América Latina* – Manuel Barbosa Filho – 3ª ed. João Pessoa: Editora Universitária – 2000 (pp. 50/51)
2. A comunidade Virgem dos Pobres, existente desde maio de 1981, não funciona como entidade, embora seja responsável pela manutenção da Escola Virgem dos Pobres. Localizada a rua Severino José Nascimento na Favela do "S", também denominada de Favela do Lixão. Funciona através de convênios formulados com a Prefeitura Municipal de João Pessoa e das doações financeiras enviadas por religiosos alemães.
3. O programa É Prá Crescer da Secretaria do Trabalho e Promoção Social da Prefeitura Municipal de João Pessoa é compreendido por creche/escola e complementação à educação fundamental de crianças e adolescentes de 7 a 14 anos. o programa desenvolve acompanhamento da freqüência e rendimento escolar das crianças e adolescentes, filhos dos catadores e promoção de palestras educativas para os adultos catadores de lixo.
4. Este estudo integra o Projeto Viver do Lixo, desenvolvido no SEPAC do Mestrado de Serviço Social e é parte componente do tema de doutoramento que a professora Maria Gorete Laier está fazendo na Universidade de Salamanca, na Espanha.
5. Pacto Internacional Sobre Direitos Econômicos, Sociais e Culturais. Adotado pela XXI Sessão da A.G. ONU, em 19/12/1966. Aprovado pelo Congresso Nacional pelo DI 226, de 12/12/1991. Carta de Adesão ao Pacto depositada pelo Governo Brasileiro a 24/01/1992. Início de vigor, no Brasil, em 24 de abril de 1992. Texto integral promulgado pelo Decreto 591, de 6 de julho de 1992, garantidas publicidade e executoriedade no âmbito do Direito Interno.
6. CARVALHO, 1986, p.39. A citação é de *Concepção dialética da história*, edição tal, p. 20-21, de Antonio Gramsci.
7. Sobre o trabalho infanto-juvenil no Lixão ver ainda:

BOND, Kathleen, "Catar lixo – fonte de renda em João Pessoa, *O Norte*, 4.6.2000

CLOVIS ROBERTO, "Situação de abandono, descaso e miséria", *O Norte*, 3.1.2000

HENRIQUE FRANCISCO, "No Roger cresce montanha de lixo", *O Norte*, João Pessoa, 27.8.2000

JOAO PESSOA, EMLUR, *ECOLOGIA DA EMLUR*, Bolsa Escola, "Programa é ampliado em benefício das crianças", João Pessoa, Setembro de 1999

O Norte, , “O trabalho infantil – o outro lado da moeda”, João Pessoa, 24.9.2000

SANTANA, Agenilson, “Crianças driblam fiscais e voltam ao Lixão à noite”, *O Norte*,
27.8.2000

SOUSA, Fátima, “Crianças de volta ao Lixão”, *O Norte*, João Pessoa, 7.11.2000

TEOTONIO, Patrícia, “89% das crianças do Lixão não estudam”, *Correio da Paraíba*,
14.6.1999

CAPÍTULO 4

O ASSOCIATIVISMO E O PROCESSO DE RESISTÊNCIA DOS CATADORES DO LIXÃO DE JOÃO PESSOA

O espaço pedagógico das práticas de educação popular, que permite vislumbrar possibilidades de uma outra ordem social, aponta para uma tomada de posição política de resistência expressa pelo confronto com a situação vigente: resistência, através de variadas formas, às diferenciadas políticas dominantes que desejam a modelação de todos em um mero conjunto de massas humanas, nivelando todos a igualdades que, em si mesmas, só trazem manipulações e equívocos. Uma resistência às tentativas de manipulações psicológicas que, em nome das diversidades, desenvolvem o gosto extremado da individualidade. Resistência às formulações que se apresentam como forma única e acabada, sugerindo um fim da história.

José Francisco de Melo Neto, "Educação popular: uma ontologia" em SCOCUGLIA MELO NETO (1999:67)

4.1 - A Resistência Política Como Derivação da Exclusão Econômica e Social

Os catadores, há quatro décadas submetidos ao poder e coerção da classe dominante, forçosamente foram conduzidos a uma abrangente exclusão¹, e começaram somente nos últimos quatro anos, de maneira gradativa, a construir e efetivarem o que denominamos de processo de resistência política, transpondo os limites concretos do simples comportamento coletivo de oposição de dezenas de atores sociais, para converter-se em promotores de fecundas e determinadas alternativas de orgânica atividade política, contrariadoras dos interesses dos exploradores e opressores que direta ou indiretamente estão envolvidos com o Lixão de João Pessoa. Entre estes podem ser citados atravessadores (internos/externos),

representações de partidos políticos conservadores e instituições governamentais cultivadores do assistencialismo, burocratas servidores governamentais do poder executivo municipal, entre outros.

Segundo LOVISOLO (1990: 154-155):

Esse jogo entre dominantes e dominados aparece como um dado da natureza numa sociedade de classes. A onipresença dos interesses da classe dominante e a lei de resistência dos dominados são elementos constitutivos de caráter natural. Desta forma, a resistência "brota da própria necessidade que as pessoas têm de sobreviver como seres humanos, de não serem oprimidos, pela fome, pelo cansaço, pela doença, de serem explorados"ⁱⁱⁱ. A resistência, que é a procura de autonomia de pensar e agir das camadas populares, é ao mesmo tempo a forma pela qual a autonomia se constrói e também se expressa.

Assim sendo, consideramos que a resistência enquanto pensar/fazer construído pelos próprios catadores é política, e está presente em todas as suas práticas sendo expressada pelas vivências e experiências de recusa e confrontadas indireta e diretamente, compartilhadas por quase todos que encontram na catação de lixo mais do que uma fonte de sobrevivência. E elas vão atuando sobre o político, exteriorizando-se nas suas relações entre si, com os atravessadores, representações das entidades não governamentais, dirigentes de instituições governamentais, autoridades do poder executivo municipal e movimentos sociais locais.

O nascedouro da resistência nos parece ser resultante das amplas condições adversas de trabalho, renda e situação social degradada, obstacularizadoras da cidadania dos trabalhadores enfatizadas acima. Entendemos que as profundas adversidades foram os grandes elementos propulsores ou impulsionadores dos catadores que os levaram a partir do seu próprio trabalho no Lixão às alternativas para solução de suas necessidades.

O conjunto destas necessidades são expressões genuínas de uma realidade enquanto processo histórico. Com coerência HOLLIDAY (1996: 55/56), fazendo o confronto entre as diferenças, explicita:

A concepção metodológica dialética concebe a realidade em permanente movimento: uma realidade histórica sempre mutante, nunca estática ou uniforme, devido a tensão que exercem incessantemente as contradições entre seus elementos. Em todo processo histórico geram-se tendências contraditórias, cuja confrontação gera as mudanças e o movimento. (. . .) A realidade é, ao mesmo tempo, una, mutante e contraditória porque é histórica; porque é produto da atividade transformadora, criadora dos seres humanos. nesse devir histórico da humanidade, mundo existente e desafio por construir, os homens e mulheres desenvolvemos nossas relações fundamentais com a natureza, com as demais pessoas, conosco mesmo. Essas relações expressam-se como fenômenos sociais.

Esta é uma percepção que consegue abranger os principais elementos constitutivos da realidade, sobretudo a que diz respeito aos catadores do Lixão de João Pessoa, onde é possível testemunharmos dentro de um mesmo espaço geo-econômico, político e social a coabitação do conformismo e resistência; embates entre oprimidos e opressores; explorados e exploradores; desespero e esperança; uniformização e diversidade de pensamentos, sentimentos, ações e reações que vão plasmando e conferindo singularidade à prática² dos catadores, parcialmente elucidada através de seus depoimentos/falas informais/espontâneas que registramos em momentos diferenciados no decorrer de nossa pesquisa participante:

*Comadre – diz uma catadora para outra em reunião da ASTRAMARE - ,
tenha mais fé na nossa força! Só tem uma saída prá nós todos que vivemos do*

lixo: é acabar de vez com estas pequenas desavenças aqui dentro do Lixão e buscar nossa união sem medo, forte pra peitar de frente este povo que tem tudo, enquanto nós temos apenas . . . não é todo dia . . . o pão. Nós temos é de gritar. Gritar mais e unido e não ficar esperando, esperando que venha ajuda do governo que nada cumpre. Digo assim, prá todos continuar na luta contra a safadeza destes políticos palhaços. Vamos arregaçar as mangas e lutar mais. Já chegamos aqui. A nossa associação tem que ficar e ser firme.

Essa bolsa escola é uma mentira deslavada porque seu valor é de uma esmola. Melhor seria se este Prefeito criasse vergonha e pagasse a todo catador um salário digno, decente pelo nosso trabalho aqui dentro. Isso ele não faz nem vai fazer. Mas propaganda de suas obras na praia ele é esperto demais.

O catador é o luxo que limpa o lixo dos lixões. Lixões, você não sabe? Lixões, são os figurões que fazem sujeira braba com todos daqui. Jogando a Guarda Municipal em cima de nós, beneficiando estes atravessadores, enganando os tolos com besteiras na época das eleições, não tendo respeito a nós.

A maioria das pessoas que entram no Lixão ficam espiando, espiando todos daqui . . . dá uma palavrinha com um, com outro vão embora e não aparecem mais. Parecem com os políticos profissionais. É difícil um assim como você, ficar com nós, ser amigo de verdade, interessado. Esse povo deveria ser proibido de entrar aqui pra deixar de olhar pra gente que nem bicho.

Ser pobre não é vergonha não, porque ninguém pede pra viver do lixo, dentro do lixo, todo dia não. Vergonha é ser corrupto, tá envolvido com droga e ser ladrão, como esses ricos que aparecem na televisão.

A gente sabe o que é bom e certo prá tudim aqui. O que precisa é nós ter mais poder de reunião, pressão, cobrança no duro ao governo. É todo mundo se juntar mais, botar prá quebrar mesmo.

Eu comparo estes atravessadores aos insetos, mosquitos, ratos e fumaça preta que tem dentro do Lixão. . . Nunca fazem bem a ninguém. Como cupim vão comendo tudo sozinho. Quase não sobra nada prá ninguém. Mas isto precisa acabar, tem de acabar dum jeito ou de outro.

Pior do que o aterramento deste mangue, dessa poeira dos carros em movimento a toda hora; da fumaça da queima dos pneus; desse bois e vacas aqui dentro; é a gente trabalhar muito e dá quase de graça tudo para os sabidões dos atravessador que são protegidos da EMLUR. Isso é imoral, rapaz. É só um ou outro puxa-saco por aqui tá satisfeito com essa situação. Do jeito que houve movimento forte prá gente conseguir algumas casas para o catador, deve ter luta prá tirar esses exploradores daqui.

Se os catadores tivesse comida farta, roupas, remédios, brinquedos bons, revistinhas e livros pra seus filhos, não tinha criança aqui dentro do Lixão. Eu posso até agüentar mais de um dia de fome, mas a fome de menino é de cortar coração. Toda mãe sabe bem disso.

O conjunto dos depoimentos é revelador de que a exploração e dominação exercida sobre os catadores vem sendo percebida, refletida e rechaçada por vários destes. A difícil realidade experienciada da catação, converte-se em fontes de importantes ensinamentos. Pois ela dentro destes próprios catadores produz estratégias que indicam possibilidades de equacionamento das suas dificuldades e problemas.

Ao mesmo tempo estas falas são elucidativas conforme nos mostra BEISIEGEL (1984: 82):

No campo da educação como em todos os outros setores da prática coletiva, a estrutura não igualitária de classes impõe limites às possibilidades de democratização e ergue obstáculos contra a melhoria da condição de existência popular.

Contudo, embora as implicações desta ordem instituída pela classe dominante estejam presentes no cotidiano dos catadores, estes gradativamente vão focalizando o seu olhar na direção dos problemas comuns que os afetam, configurando-se tal postura como de resistência.

Objetivando o aprimoramento do processo de resistência dos catadores, criamos condições com estes atores sociais para o desenvolvimento de reuniões periódicas, cujo eixo ou núcleo principal esteve associado à relação Lixo e Cidadania, constando da participação e de alguns integrantes de entidades da sociedade civil: Central Única dos Trabalhadores, Associação Paraibana dos Amigos da Natureza, Cáritas Arquidiocesana da Paraíba e eventualmente de outras organizações não governamentais.

Assim, juntos procedemos, entre outras razões, por entendermos como bem demonstra Melo Neto (SCOCUGLIA E MELO NETO, 1999:67):

Pela resistência se efetiva também o exercício da capacidade de direção política fundamental para a construção da hegemonia dos vários setores das classes subalternas. Assim, também, se caminha para a conquista da cidadania, entendida como explicitação das possibilidades de acesso do

indivíduo à produção, à gestão, e ao usufruto dos bens e serviços da sociedade, rompendo com o fenômeno, tão atual de exclusão social.

4.2 - A Educação Popular Enquanto Modo de Contribuição ao Processo de Resistência Política

A Educação Popular como modelo teórico e como prática social, segundo os educadores Moacir GADOTTI e Carlos Alberto TORRES (1994; 8/9):

é um paradigma teórico que surge no calor das lutas populares. Trata de codificar e decodificar os temas geradores destas lutas, busca colaborar com os movimentos sociais e os partidos políticos que expressem essas lutas. Trata de diminuir o impacto da crise social na pobreza e de dar voz à indignação e ao desespero moral do pobre, do oprimido, do indígena, do camponês, da mulher, do afro-americano, do analfabeto e do trabalhador industrial.

Para os mesmos cientistas sociais

a educação popular passou por muitos momentos epistemológicos, educativos e organizativos. E apesar dos mitos e das avaliações autocomplacentes, algumas das intuições originais da educação popular nos convidam a ser otimistas: a ênfase nas condições gnosiológicas da prática educativa; a educação como produção e não meramente como transmissão do conhecimento; a luta por uma educação emancipadora que suspeita do arbitrário cultural, o qual, necessariamente, esconde um momento de dominação; a defesa de uma educação para a liberdade, pré-condição de vida democrática; a recusa do autoritarismo, da manipulação, da ideologização que surge também ao estabelecer hierarquias rígidas entre o professor que sabe (e por isso ensina) e o aluno que tem de aprender (e por isso estuda); a defesa da educação como um ato de diálogo no

descobrimto rigoroso, porém, por sua vez, imaginativo, da razão de ser das coisas; a noção de uma ciência aberta as necessidades populares e um planejamento comunitário e participativo.

Levando em consideração esses princípios fundamentais da educação popular e suas necessárias possibilidades de aplicabilidade, observamos que os catadores podem posicionar-se para exigir, no contexto das esferas governamentais, aceitação de sua representatividade e atenção para suas necessidades e reivindicações.

Tivemos ainda como atributo decisivo e concreto, sempre presente, em nosso trabalho com tais setores sociais excluídos, desde o primeiro momento a convicção transparente de que conforme nos revela Melo Neto (MELO NETO e SCOCUGLIA, 1999:16):

Uma ação educativa só se justifica a partir do envolvimento da comunidade e a sua orientação para soluções de problemas comunitários, ou seja, uma ação que considere necessária a participação das pessoas no processo de mudanças. Além do mais, essa ação educativa determinada pelo conhecimento da realidade não pode ser sinônimo de transferência de conhecimentos e sim ato dinâmico e permanente no processo de sua descoberta. É possível descobrir a realidade local a partir da ação daqueles que vivem na própria região e com eles poder melhor desenvolver todo o processo de sistematização.

Com essa percepção, realizaram-se inúmeros encontros informais tanto no âmbito do próprio Lixão objetivando, inclusive, que o trabalhador não fosse "usurpado em seu tempo livre"³, como principalmente na Escola Municipal Frei Afonso, Favela do "S", Condomínio Esperança, Palácio do arcebispo da arquidiocese da Paraíba, sede de missionários de

Maryknoll (residência do missionário David Kane) e nas dependências da Universidade Federal da Paraíba, onde, atendendo nosso convite, compareceram generosamente participando de maneira ativa e democrática dos eventos: Seminário dos Movimentos Sociais, promovido pelo Mestrado em Educação e do Encontro dos Movimentos Sociais e Populares da Paraíba.

Nesses encontros, participaram intensamente esse pesquisador e representações da Cáritas Arquidiocesana da Paraíba e da Congregação Missionária Maryknoll e de maneira eventual dirigentes da Central Única dos Trabalhadores, Associação Paraibana dos Amigos da Natureza, Movimento Nacional dos Meninos de Rua, Movimento Nacional em Defesa da Moradia (seção da Paraíba), Empresa Municipal de Limpeza Urbana (EMLUR). Discutiu-se questões econômicas, políticas e sociais de completa relevância para os catadores e seus respectivos familiares, entre os quais destacamos:

- As condições de trabalho dos catadores no Lixão.
- Os direitos econômicos destes trabalhadores.
- A participação dos catadores na Micarora.
- Os riscos e acidentes de trabalho.
- O baixo preço dos produtos coletados e vendidos aos atravessadores.
- A história da ação dos atravessadores principalmente dentro do Lixão.
- A inexistência de equipamentos adequados para o desenvolvimento da catação.
- Alternativas possíveis para a extinção ou diminuição destes problemas.
- A organização dos trabalhadores.
- As formas de parcerias a serem construídas.
- Os catadores enquanto trabalhadores que devem ser socialmente reconhecidos.

- O Lixão como espaço geográfico e econômico de sobrevivência dos catadores.
- Vantagens/Limitações da bolsa-escola.
- A constituição da ASTRAMARE e da Cooperativa dos Trabalhadores de Material Reciclável.
- A questão da moradia desses trabalhadores e suas respectivas famílias.
- A formulação dos estatutos da ASTRAMARE.
- O trabalho das crianças e a presença também constante de animais dentro das dependências do Lixão.
- A participação dos catadores no Projeto de Coleta Seletiva empreendido pela Prefeitura Municipal de João Pessoa, através da Empresa Municipal de Limpeza Urbana.
- As reivindicações e seus conseqüentes encaminhamentos para as instituições governamentais.
- O papel das lideranças da Associação dos Trabalhadores de Material Reciclável e suas relações com a totalidade dos catadores.
- Estratégias de organização e mobilização dos catadores para a conquista dos seus direitos.

As discussões de tão expressivas temáticas essencialmente, somente foram possíveis de formulação e desenvolvimento, devido à acumulativa aprendizagem dos trabalhadores catadores sobre o próprio trabalho de catação de Lixo. Resultam ainda de uma conjunção de esforços e iniciativas informais e formais, edificadas por esses atores sociais em parceria conosco, bem como, representações da Cáritas, Missionária Maryknoll, Central Única dos Trabalhadores, Associação Paraibana dos Amigos da Natureza e outras organizações da sociedade civil paraibana, obtendo uma dinâmica mais sistemática e periódica, a partir do

cultura, questiona esta realidade com os seus companheiros, interpelando-os e sendo por eles interpelados, na medida em que eles tomam consciência de que através da cooperação podem transformar esta realidade, podem tornar-se um pouco mais sujeitos e criadores de sua história, podem fazer cultura, nesta medida este indivíduo ou este grupo desenvolve uma consciência transitivo-crítica.

É, pois, vivenciando essas dimensões de teoria e prática, correlacionando-as e refletindo sobre ambas, tendo como núcleo fundamental o trabalho de catação de lixo e todo o conjunto de fatores que o envolvem, que os catadores começaram com maior precisão e clareza a compreender sua importância, força, utilidade, poder, gradativamente melhorando, inclusive sua auto-estima. Aprendemos tanto nós como eles, uns com os outros, estabelecendo potencialmente uma contínua relação pedagógica se tivermos o privilégio de vê-la exteriorizada também no reconhecimento verbal/prático destes atores sociais:

Eu tava assim pensando que estas reuniões como outras que tive mais uma vez ia ser como um saco sem fundo. Enchiam nós de notícias, assuntos variados e no final das contas, não dava em nada, e nós continuava na mesma. Agora vejo que a gente junto, se reunindo, discutindo toda essa situação que enfrentamos, vamos encontrar ou fazer as soluções. Deixei meus troços no Lixão sem medo . . . não adianta tá lá sem poder também tá aqui.

Tá claro que a gente sabe o que é melhor para nós. Sabemos dos problemas todos que tão já pregados no nosso corpo e na nossa alma. E, depois destes debates, destas conversas. . . a gente trocando estas idéias do que é mais certo e o que tá muito errado, nós vamos fazer nossa associação e empurrar a EMLUR e o Prefeito nos cantos da parede para eles nos atender. O catador merece respeito.

Não concordo com este negócio de tá enviando ofício e mais ofício para os gabinetes da prefeitura não. Nós temos é que se preciso for, não deixar entrar nenhum caminhão de lixo dentro do Lixão. Quando tiver uns cem aí na pista esse prefeito vem ligeirinho conversar com nós. Aí sim vamos poder dizer tudo o que a gente sente e pensa e ele vai ter de ouvir.

Agora a coisa caminha. Vejo que todo mundo tá aqui porque tá tomando gosto na conversa travada. E acreditando mais que nossos problemas tem saída. A gente escuta, fala, se entende, e as vezes se desentende na reunião. Mas é assim mesmo, no final de cada uma, vejo nos olhos dos companheiros a alegria e a esperança. Nós vamos conseguir o que é de direito do catador.

Acho que de conversa tá bom demais. Agora, nós temos mesmo é de ir prá o meio da rua, prá os rádios e jornais e denunciar tudo de ruim que está acontecendo com o catador. Temos que chegar até a Prefeitura. . . menino, mulher, homem, velhos. . . tudo como se fosse um só e exigir o que temos direito. O que é nosso, porque quem trabalha de verdade lá dentro do Lixão é nós.

O conteúdo desses depoimentos nos parece ser revelador da natureza de nossa prática educativa popular, ensejadora da criação de condições que tornaram viáveis sucessivos encontros com os catadores e sinalizam ainda que estes, ao compartilharem relações democráticas não apenas conosco, mas também com significativo nível de intensidade junto às representações da Cáritas Arquidiocesana da Paraíba e Congregação Missionária Maryknoll, estão apurando suas capacidades intelectuais. Estão evoluindo na educabilidade do processo político e de maneira gradativa se capacitando para a edificação de uma "contra-hegemonia", componentes indissociáveis, os quais também nos tornam conscientemente comprometidos e responsáveis pelo seu aprimoramento.

somos, aquilo que podemos ser, se realmente – e dentro de que limites – somos "criadores" de nós mesmos, da nossa vida, do nosso destino. E nós queremos saber isto "hoje", nas condições de hoje, da vida "de hoje", e não de uma vida qualquer e de um homem qualquer.

Alicerçado nesta engenhosa concepção gramscista, reafirmamos que a conscientização é uma construção cotidiana sócio-educativo-cultural-política, comparável à maioria dos partos, porque é proveniente de dores e incertezas verdadeiras e realimentada por propositais e incessantes perguntas e diálogos. Ela produz, inclusive, incidência no contexto do movimento social dos catadores do Lixão de João Pessoa, tornando-o de maneira gradativa em genuíno e apto não apenas para os embates diante das estruturas de poder dominantes locais, mas também capacitando o conjunto dos seus membros a refletir sobre as limitações e contradições desse próprio movimento.

4.3 - As Estratégias de Organização Política dos Catadores

Conforme BOBBIO (1999: 431/432) a estratégia se define como:

A técnica utilizada para alcançar um objetivo (individual ou coletivo, privado ou público, pacífico ou bélico-militar). (. . .) se pode conceber como um plano mais vasto e complexo, que se apoia num conjunto de princípios de caráter geral e de propósitos diretamente operativos intimamente ligados entre si. Nesse sentido, tal como a estratégia deve estar subordinada à política, assim a tática está e não pode deixar de estar subordinada à estratégia.

Nessa perspectiva, entendemos que as estratégias de organização política dos catadores são elaboradas por eles próprios tendo como núcleo o cotidiano do trabalho no Lixão, visando não apenas a assegurar-lhes a sobrevivência, como também fortalecer o movimento social em ascensão do qual são construtores ou dirigentes e se expressam de modo diversificado, conforme nos foi permitido documentar através do emprego da observação participante.

Destacam-se manifestações de estratégia conforme elaboraremos a seguir.

- (1) – Desenvolvimento de periódicas reuniões por pequenos grupos de catadores no "depósito", "barraca" de algum deles. Há uma rotatividade do local das reuniões dentro do próprio Lixão para que os atravessadores e fiscais da EMLUR não tenham uma percepção dos seus conteúdos. Geralmente de maneira totalmente informal e rápida são discutidos os mais variados assuntos (a entrada do lixo "forte" e "fraco" nas dependências do depósito; a diminuição da catação de determinado produto, para pressionar um ou mais atravessadores a aumentar o preço pela coleta do mesmo; acidentes de trabalho ocorridos; relações com representações de entidades não governamentais e governamentais que atuam direta ou indiretamente no Lixão; os alimentos encontrados no lixo e os comprados fora e a melhor maneira de dividi-los e utilizá-los nas refeições dentro do próprio depósito referido, entre outros.)
- (2) – Promoção de sucessivas comunicações informais acima de tudo para os órgãos de imprensa escrita locais, no sentido de estes documentarem e difundirem as dificuldades, os problemas e necessidades dos catadores dentro e fora do seu